

ADOLFO BIOY CASARES

Diário da Guerra aos Porcos



cavalo de ferro



20
anos

DIÁRIO DA GUERRA AOS PORCOS

ADOLFO BIOY CASARES
DIÁRIO DA GUERRA AOS PORCOS

Tradução do castelhano (argentino)
Sofia Castro Rodrigues e
Virgílio Tenreiro Viseu



cavalo de ferro

I

Segunda-feira, 23 – quarta-feira, 25 de Junho

Isidoro Vidal, conhecido no bairro como Don Isidro, praticamente não saía do quarto nem se deixava ver desde a última segunda-feira. Sem dúvida que mais de um inquilino e, sobretudo, as raparigas da oficina de costura da sala em frente o surpreendiam, de vez em quando, fora do seu refúgio. As distâncias dentro do populoso casarão eram consideráveis, e, para chegar à casa de banho, era preciso atravessar dois pátios. Confinado ao seu quarto e àquele, contíguo, do seu filho Isidorito, nessa época, ele ficou desligado do mundo. O rapaz, alegando sono atrasado, porque trabalhava como contínuo na escola nocturna da rua Las Heras, costumava extraviar o jornal diário por que o pai esperava com ansiedade e esquecia persistentemente a promessa de levar o aparelho de rádio a casa do electricista. Privado desse vetusto artefacto, Vidal sentia a falta das quotidianas «conversas ao fogão» de um tal Farrell, que a opinião apontava como chefe secreto dos Jovens Turcos, movimento que brilhou como uma estrela fugaz na nossa longa noite política. Perante os amigos, que abominavam Farrell, defendia-o com alguma tibieza, se quiserem; deplorava, é verdade, os argumentos do caudilho, mais inflamados do que razoáveis; condenava-lhe as calúnias e os embustes, mas não escondia a admiração pelos seus dotes de orador, pela cálida tonalidade dessa voz tão nossa, e, declarando-se objectivo, reconhecia nele e em todos os demagogos o mérito de conferir consciência da própria dignidade a milhões de párias.

Responsáveis por tal retiro — demasiado prolongado para não ser perigoso — foram uma vaga dor de dentes e o hábito de levar uma mão à boca. Uma tarde, quando voltava do pátio das traseiras, ouviu, surpreendentemente, a pergunta:

— O que é que tem?

Afastou a mão e olhou, perplexo, para o seu vizinho Bogliolo. Com efeito, este cumprimentara-o. Vidal respondeu solicitamente:

— Nada, senhor.

— Como, nada? — protestou Bogliolo, que, bem observado, tinha alguma coisa de estranho na sua expressão. — Porque tem a mão na boca?

— Um molar. Dói-me. Não é nada — respondeu, sorrindo. Vidal era mais para o pequeno, magro, com cabelo que começava a ficar ralo e um olhar triste, que se tornava doce quando sorria. O valentão tirou um caderninho do bolso, escreveu um nome e uma direcção, arrancou a folha e entregou-lha enquanto comunicava:

— Um dentista. Vá lá hoje. Vai deixá-lo como novo.

Vidal foi ao consultório nessa tarde. Esfregando as mãos, o dentista explicou-lhe que, a partir de certa idade, as gengivas, como se fossem de barro, amolecem por dentro e que, felizmente, agora a ciência dispõe de um remédio prático: a extirpação de toda a dentadura e a sua substituição por outra mais adequada. Depois de mencionar uma soma global, o homem procedeu à paciente carnificina; por fim, sobre carne tumefacta, assentou molares e outros dentes e disse:

— Pode fechar a boca.

A isso opunham-se a dor, os corpos estranhos e ainda a inquietação moral que o confronto com o espelho lhe infundia. No dia seguinte, Vidal acordou maldisposto e com febre. O filho aconselhou-o a ir ao dentista; mas ele já não queria saber daquele indivíduo para nada. Ficou deitado na cama, doente e abatido, sem se atrever a tomar um mate durante as primeiras vinte horas. A fraqueza aprofundou o abatimento; a febre dava-lhe um pretexto para continuar no quarto e não se deixar ver.

Na quarta-feira, dia 25 de Junho, resolveu acabar com tal situação. Iria ao café, para jogar a habitual partidinha de truco¹. Disse a si próprio que a noite era a melhor altura para abordar os amigos.

Quando entrou no café, Jimi (Jaime Newman, um filho de irlandeses que não sabia uma palavra de inglês; alto, louro, rosado, de sessenta e três anos) cumprimentou-o com o comentário:

– Invejo-te a sala de jantar.

Vidal confraternizou durante algum tempo com o pobre Néstor Labarthe, que tinha carregado, segundo ficou então esclarecido, a mesma cruz. Fazendo subir e descer uma dentadura levemente acinzentada, Néstor articulou estas misteriosas palavras:

– Previno-te sobre uma ou outra consequência de que mais vale não falar.

Os rapazes montaram, como faziam todas as noites, a mesa de truco naquele café de Canning, em frente da praça Las Heras. O termo «rapazes» por eles utilizado não deve fazer supor um complicado e subconsciente propósito de passarem por jovens, como assegura Isidorito, o filho de Vidal, antes obedece à casualidade de uma vez o terem sido e de, desde então, se designarem justificadamente desse modo. Isidorito, que não opina sem consultar uma doutora, abana a cabeça, prefere não discutir, como se o seu pai estivesse a debater-se com a sua própria argumentação enganadora. Quanto a não discutir, Vidal dá-lhe razão. A falar, ninguém se entende. Entendemo-nos a favor ou contra, como matilhas de cães que atacam ou repelem um inimigo circunstancial. Todos eles – por exemplo, Vidal tinha o cuidado de dizer «os rapazes» quando se lembrava – na mesa de truco matavam o tempo, divertiam-se, não porque se entendessem ou se dessem particularmente bem, mas sim por obra e graça do hábito. Estavam habituados à hora, ao lugar, ao *fernet*², às cartas, às caras, ao pano e à cor da roupa, pelo que qualquer sobressalto estava, para o grupo, fora de questão. Uma prova? Se Néstor – como brincadeira, os amigos diziam «Nestór», com erre à francesa – começava a dizer que

1 Jogo de cartas jogado com baralho espanhol. [N. T.]

2 Licor italiano à base de ervas. [N. T.]

se tinha esquecido de alguma coisa, Jimi, a quem chamavam *Mestre da Banda* por ser tão animado e criativo, concluía a frase com as palavras:

– Por um completo.

E Dante Révora insistia:

– Com que então, esqueceste-te por um completo?

Era inútil que Néstor, com aquela cara que mantinha a natureza rubicunda da juventude, com os olhinhos redondos de frango e com a permanente expressão de quem está a falar a sério, assegurasse que se tratava de um erro cometido durante a sua incrível infância, que lhe ficara, como dizer, fixado... Não o ouviam. E menos ainda o ouviam quando apontava o exemplo de Dante, que insistia em dizer *ermelado* em vez de *enmelado*³, sem que ninguém lhe negasse o respeito que uma pessoa culta merece.

Como a noite do dia 25 assumirá, na memória, aspectos de sonho e até de pesadelo, convém assinalar pormenores concretos. O primeiro que me vem à cabeça é que Vidal perdeu todas as partidas. A circunstância não deve espantar, já que, do lado contrário, jogavam Jimi, que ignorava o que são os escrúpulos e era a astúcia personificada (por vezes, Vidal perguntava-lhe, em tom de brincadeira, se não tinha vendido a alma, como Fausto), Lúcio Arévalo, que já ganhara mais de um campeonato de truco no La Paloma da rua Santa Fe, e Leandro Rey, cujo apodo era *Ponderoso*. Entre os rapazes, há que distinguir este último, um padeiro, por não ser reformado e por ser espanhol. Embora as suas três filhas – a ambição perdia-as – o mortificassem, pedindo-lhe que se reformasse e, à tarde, fosse apanhar sol com os amigos para a praça Las Heras, o velho mantinha-se ao pé da caixa registadora. Homem frio, egoísta, apegado ao seu dinheiro, perigoso nos negócios e à mesa de truco, Rey irritava os outros por causa de um defeito venial: quando comia, ainda que fosse o queijo e os amendoins que acompanhavam o *fernet*, entregava-se sem dissimulação à impaciência da gula. Vidal dizia: «Nessa altura, a aversão ofusca-me e desejo-lhe a morte.» Arévalo, um ex-jornalista que, durante algum tempo, redigira críticas de teatro para uma agência que trabalhava com jornais diários do

3 Massa frita coberta com mel. [N. T.]

interior, era o lido. Se não se destacava por ser falador ou brilhante, manipulava por vezes uma espécie de ironia crioula, modesta e oportuna, que fazia esquecer a sua fealdade. Esta fealdade era agravada por uma inércia que os anos pioravam. Barba mal escanhoada, óculos embaciados, beata colada ao lábio inferior, saliva nicotínica nas comisuras, caspa no poncho completavam a catadura deste sujeito asmático e sofrido. Companheiros de Vidal naquela partida foram Néstor, cujas travessuras tendiam para a inocência, e Dante, um ancião que nunca se distinguira pela rapidez e que agora, com a surdez e a miopia, vivia retirado na sua grande carapaça de carne e osso.

Para que a sua imagem reviva na memória, assinalo outro aspecto dessa noite: o frio. Estava tanto frio que a todos os presentes no café ocorria a mesma ideia de soprar para as palmas das mãos. Como Vidal não se convencia de que por ali não estava alguma coisa aberta, de vez em quando olhava à sua volta. Dante, que se irritava quando perdia (a sua devoção pela equipa de futebol dos Excursionistas não lhe servira, inexplicavelmente, para encarar as derrotas com filosofia), repreendeu-o por estar desatento ao jogo. Apontando com um dedo para Vidal, Jimi exclamou:

– O velhote trabalha para nós.

Vidal considerava o húmido focinho pontiagudo, o bigode que, talvez em virtude da temperatura invernal, lhe parecia congelado, e não podia deixar de admirar o descaramento do amigo.

– Eu cá dou-me bem com o frio – declarou Néstor. – Por isso, meus senhores, preparem-se para a tormenta.

Pôs triunfalmente uma carta sobre a mesa. Arévalo recitou:

*E se o dinheiro se acaba
Por essa não me caduco
Se esta noite perco ao truco
Amanhã ganho à taba⁴.*

– Quero – respondeu Néstor.

4 Jogo de cartas. [N. T.]

– Àquele que quer, dá-se – disse Arévalo, e deixou cair uma carta mais alta.

Don Manuel, o vendedor de jornais, entrou, bebeu o seu copo de vinho tinto ao balcão, foi-se e, como sempre, deixou a porta entreaberta. Ágil a evitar correntes de ar, Vidal levantou-se e fechou-a. De regresso, ao atravessar o salão, por pouco não tropeçou numa mulher velha, magra, espampanante, uma prova viva daquilo que Jimi afirma: «A imaginação da velhice para inventar fealdades!» Vidal virou a cara e murmurou:

– Maldita velha.

Numa primeira apreciação dos factos, para justificar o *ex abrupto*, Vidal atribuiu à senhora o vento frio que, por pouco, não lhe afectava os brônquios e, para os seus botões, comentou que as mulheres não se habituam a fechar as portas porque se julgam, todas elas, rainhas. Mais tarde, reconsiderou que era injusto nessa imputação porque a responsabilidade da abertura recaía sobre o pobre vendedor de jornais. À cara da velha só podia atirar a sua velhice. Havia, porém, alternativa: lançar-lhe, com um furor mal dissimulado, a pergunta: o que é que procurava, a essa hora, no café? Teria obtido a resposta cedo de mais, porque a mulher se enfiou pela porta rotulada «Senhoras», de onde ninguém a viu sair.

Ainda ali permaneceram mais vinte minutos. Para conjurar a sorte, Vidal esgotou os recursos mais acreditados: esperou com fidelidade, aguentou com resignação. Também não era caso para se mostrar obstinado. O jogador inteligente assegura que a sorte prefere que a acompanhem, não apoia quem se lhe opõe. Se não havia cartas, com semelhantes companheiros, como ganhar? Após a quinta derrota, Vidal anunciou:

– Meus senhores, soou a hora de levantar o acampamento.

Somaram e dividiram, Dante pagou as dívidas e a conta, os companheiros reembolsaram-no da respectiva parte, sob protesto. Ainda Dante não tinha acabado de fazer deslizar a gorjeta e já todos faziam a algazarra de sempre.

– Vou dizer que não conheço este tipo – informou Arévalo.

– Não podes deixar isso – protestou Jimi.

Censuravam-lhe, em tom de brincadeira, a avareza. Conversando animadamente, entraram na intempérie. Por instantes, o frio emudeceu-os. Uma névoa vaporosa difundia-se numa chuva miudinha e envolvia os candeeiros num halo branco. Alguém arriscou:

– Esta humidade vai apodrecer os ossos.

Rey observou, com firmeza:

– Desde já, promove carraspanas.

Com efeito, vários deles tinham tossido. Encaminharam-se para Cabello, rumo ao cruzamento da Paunero com a Bulnes. Néstor comentou:

– Que noite!

No seu apagado tom irónico, Arévalo observou:

– Talvez chova.

Dante fê-los rirem-se:

– O que me dizem vocês se depois refrescar?

Jimi, *o Mestre da Banda*, resumiu:

– *Brrr*.

A vida social é o melhor báculo para avançar ao longo da idade e dos achaques. Di-lo-ei com uma frase que eles próprios utilizaram: apesar das rigorosas condições atmosféricas, o grupo manifestava-se em sintonia. Entre piadas e dichotes, mantinham um festivo diálogo de surdos. Os vencedores falavam do truço, e os outros respondiam rapidamente com observações relativas ao tempo. Arévalo, que tinha o dom de ver de fora qualquer situação, incluindo aquelas em que participava, anotou, como se falasse sozinho:

– Um entretenimento de rapazes. Nunca deixamos de o ser. Porque é que os jovens de agora não percebem isto?

Iam tão absortos nesse entretenimento que, ao princípio, não deram pelo clamor que vinha da passagem de El Lazo. A gritaria depressa os alarmou, e notaram então que um grupo de pessoas olhava, expectante, para a passagem.

– Estão a matar um cão – afirmou Dante.

– Cuidado – preveniu Vidal. – Não estará raivoso?

– Devem ser ratazanas – opinou Rey.

Cães, ratazanas e uma enormidade de gatos passeavam pelo local, porque os feirantes do pequeno mercado da esquina despejavam ali

os restos. Como a curiosidade é mais forte que o medo, os amigos avançaram alguns metros. Ouviram, primeiro em conjunto, depois distintamente, injúrias, golpes, ais, barulhos de ferros e chapas, o ofegar de uma respiração. Da penumbra, emergiam na claridade esbranquiçada rapagões ululantes e saltitões, armados de paus e de ferros, que descarregavam um castigo frenético sobre um vulto que jazia no meio dos tachos e dos amontoados de lixo. Vidal entreviu caras furiosas, assinalavelmente jovens, que pareciam alienadas pelo álcool da arrogância. Arévalo disse em voz baixa:

– Aquele vulto é Don Manuel, o vendedor de jornais.

Vidal conseguiu ver que o pobre velho estava de joelhos, com o tronco inclinado para a frente, a cabeça desfeita, que ainda tentava introduzir num tacho de restos, protegida pelas mãos ensanguentadas.

– Temos de fazer alguma coisa – exclamou Vidal, num grito sem voz – antes que o matem.

– Cala-te – ordenou Jimi. – Não chames a atenção.

Incorajado pelo facto de os seus amigos o reterem, Vidal insistiu:

– Intervenhamos. Vão matá-lo.

Arévalo observou fleumaticamente:

– Está morto.

– Porquê? – perguntou Vidal, um pouco alheado.

Ao seu ouvido, Jimi murmurou fraternalmente:

– Caladinho.

Jimi devia ter-se afastado do lugar. Enquanto o procurava, Vidal descobriu um casal que olhava com reprovação para aquela matança. O rapaz, de óculos, trazia livros debaixo do braço; ela parecia uma rapariga decente. À procura do apoio moral que tantas vezes encontrara nos desconhecidos da rua, Vidal comentou:

– Que sanha!

Ela abriu a carteira, tirou uns óculos redondos e, sem pressa, pô-los. Ambos voltaram para Vidal as suas caras com óculos e olharam-no, impávidos. Com uma dicção demasiado clara, a rapariga afirmou:

– Sou contra toda a violência.

Sem se deter para considerar a frieza de tais palavras, Vidal tentou conquistá-los para a sua causa:

– Nós não podemos fazer nada, mas a polícia, para que serve?

– Avô, não são horas de andar a apanhar ar – advertiu-o o rapaz, num tom quase cordial. – Porque é que não se vai embora antes que lhe aconteça alguma coisa?

Esse epíteto injustificado – Isidorito não tinha filhos, e ele estava tão certo de parecer, apesar da incipiente calvície, mais novo do que os seus contemporâneos – talvez o tenha cegado, porque interpretou a frase como uma recusa. Tentou juntar-se ao grupo, mas não o encontrou. Por fim, afastou-se. Estava um pouco desorientado, sem os rapazes para conversar, para partilhar o desgosto.

Chegou a sua casa, que fica em frente à oficina de automóveis, na rua Paunero. O quarto pareceu-lhe pouco hospitaleiro. Sentia, ultimamente, uma invencível propensão para a tristeza, que modificava o aspecto das coisas mais habituais. À noite, via os objectos do seu quarto como testemunhas impassíveis e hostis. Tentou não fazer barulho: no quarto do lado, dormia o seu filho, que se deitava tarde porque trabalhava na escola nocturna. Ainda mal se tinha tapado com o cobertor quando se perguntou, alarmado, se não iria passar a noite em branco. Nenhuma posição lhe convinha. Porque pensava, mexia-se: venham depois dizer que o pensamento não afecta a matéria. Os factos que os seus olhos tinham visto apresentavam-se-lhe agora com uma intolerável vividez, e ele mexia-se na esperança de que a visão e a memória cessassem. Passado algum tempo, ocorreu-lhe, talvez para mudar de assunto, ir à casa de banho; apenas para estar seguro e dormir descansado. A travessia dos dois pátios, em noites de geada, retraía-o; mas não iria permitir que uma dúvida sobre a utilidade dessa viagem o deixasse sem dormir.

A meio da noite, quando se encontrava na inóspita dependência do pátio das traseiras – fria, escura, malcheirosa –, costumava deprimir-se. Motivos para isso nunca faltam, mas porque é que incidiam precisamente àquela hora e nesse lugar? Para esquecer o vendedor de jornais e os seus assassinos, recordou uma época, hoje incrível, em que a aventura propriamente dita não se descartava... A culminação chegou na tarde em que, sem saber como, se achou nos braços de uma rapariga chamada Nélide, filha de uma cozinheira,

a Sr.^a Carmen, que trabalhava em várias casas de família no bairro Norte. Nélide vivia com a mãe na segunda sala da frente, onde agora funcionava a oficina de costura. Por uma simples coincidência, a recordação do fim desse namoro coincidia com outra, para Vidal pungente (não sabia bem porquê) e repugnante, de um ancião excitado e bêbedo que perseguia a Sr.^a Carmen com uma longa faca desembainhada. De Nélide guardava, num baú, onde tinha coisas velhas e relíquias dos seus pais, uma fotografia que lhes tinham tirado no Rosedal e uma faixa de seda, já sem cor. Os tempos tinham mudado. Se antes se encontrava na sala do pátio das traseiras com uma mulher, riam-se ambos; agora pedia desculpas e afastava-se rapidamente, para que não pensassem que era um degenerado ou coisa pior. Talvez essa deterioração da sua posição na sociedade o tornasse nostálgico. O facto era que havia meses, talvez anos, que se entregara ao vício das recordações; como outros vícios, primeiro entretinha e, ao fim de algum tempo, lesava e prejudicava. Disse a si próprio que, no dia seguinte, estaria muito cansado e apressou o regresso ao quarto. Já na cama, formulou com relativa lucidez (péssimo sintoma para o acordado): «Cheguei a uma altura da vida em que o cansaço não serve para dormir e o sono não serve para descansar.» Às voltas no colchão, recordou novamente o crime que tinha presenciado e, talvez para ultrapassar o desagrado que lhe infundia o cadáver, que primeiro tinha visto e agora imaginava, perguntou a si próprio se o morto seria realmente o vendedor de jornais. Uma vivíssima esperança acometeu-o, como se a sorte do pobre vendedor de jornais fosse essencial para ele; sentiu-se tentado a imaginá-lo pelas ruas, a correr e a apregoar, mas resistia a tais imaginações pelo temor da desilusão. Recordou a frase da rapariga de óculos: «Eu sou contra toda a violência.» Quantas vezes ouvira essa frase, como se não significasse coisa alguma! Agora, no preciso momento em que dizia para consigo «Que rapariga pretensiosa», entendeu-a pela primeira vez. Vislumbrou então uma teoria sobre a violência bastante atinada que, lamentavelmente, esqueceu logo a seguir. Reconsiderou que, em noites como aquela, em que daria o que quer que fosse para dormir, pensava involuntariamente

com o brilho de um destacável de um jornal. Quando os pássaros cantaram e nas fendas apareceu a luz da manhã, ficou deveras entristecido, porque tinha perdido a noite. Nesse momento, adormeceu.

II

Quinta-feira, 26 de Junho

A impaciência para ir ao velório acordou-o. Ultimamente, impacientava-se com facilidade.

No aquecedor a querosene, preparou uns mates, que despachou a toda a velocidade com duas ou três dentadas de pão da véspera. O seu pequeno-almoço estava perfeitamente calculado; não se permitia qualquer excesso nos mates ou no pão sem que aquele ardor, que o assustava um bocadinho, começasse. Lavou os pés, as mãos, a cara, o pescoço. Penteou-se com água de violetas e brilhantina. Mal se vestiu, apresentou-se na oficina das raparigas e perguntou se podia usar o telefone. A dentadura tinha-se convertido numa mania. Teria jurado que as raparigas olhavam para ele e faziam comentários, como se fosse um monstro ou talvez o primeiro homem com dentes novos. Estranhou uma circunstância: embora estivesse precavido, não surpreendeu um único sorriso nem nada que sugerisse troça. Viu caras graves, preocupadas, espantadas, talvez temerosas e até coléricas. Tudo isto lhe pareceu inexplicável.

Telefonou para casa de Jimi, mas não obteve resposta. Em casa de Rey, uma das filhas informou-o de que o pai tinha saído e aconselhou-o a não o incomodar. Entretanto, uma das raparigas da oficina, uma trigueira de pele branca chamada Nélide, que lhe recordava, quanto mais não fosse pelo nome, a Nélide de outros tempos, olhava-o com alguma obstinação, como se lhe quisesse dizer alguma coisa. Se queria realmente falar-lhe, a rapariga encontraria oportunidades,

pois vivia no inquilinato (nos quartos da sua amiga Antonia e da mãe desta, D.^a Dalmacia). Sempre incomodara Vidal que olhassem para ele quando estava a falar ao telefone. Perturbava-se, como se o distraíssem a meio de uma prova difícil; mais desagradável ainda era que olhassem para ele quando a sua participação na conversa era baça. Uma puerilidade? Às vezes, Vidal perguntava-se: o que é que aprendemos ao longo dos anos, a resignarmo-nos com as nossas deficiências? De soslaio, olhou para os olhos que o observavam, a pele próxima, a camisola de malha com a forma do peito, e disse para si mesmo que, para um admirador da beleza, não havia nada como a juventude. Imprevistamente angustiado, pensou também que as raparigas daquela idade são capazes de qualquer loucura, mas que ele, ali plantado, com ar de quem não percebe nada, passaria por tonto. Deixou na prateleira a importância correspondente às chamadas e retirou-se, para não abusar do telefone.

Iria ao restaurante e falaria com toda a comodidade pelo telefone público. Além disso, compraria o jornal, para ver se já estavam a pagar, tal como Faber e outros tinham dito, a reforma de Maio. Antes de sair, verificou se o encarregado não andaria por ali a rondar, um galego meio crioulo e anarquista que defendia zelosamente os interesses do proprietário. Por sorte, no saguão também não estava o Sr. Bogliolo, que, por um surdo aborrecimento com o género humano, exercia honorariamente a função de polícia do galego. Até por volta do dia 20, quando costumava receber a reforma e pagar a renda, Vidal evitava todos os meses, com o maior cuidado, esses dois indivíduos.

Achava agradável caminhar pelo bairro num dia de sol, «desintumescer» as pernas, como Jimi dizia. A manhã apresentava-se limpa, e, de acordo com as previsões dos rapazes, o frio não tinha diminuído. Assim que espreitou para a rua, notou que a loja de tecidos estava fechada. Sem amargura, comentou:

– Ainda não é meio-dia, e já baixaram a cortina. Hoje em dia ninguém quer trabalhar. Que vidinha regalada.

Notou que nunca lhe faltava pretexto para falar sozinho e ensaiar uma sentença de moralista.

O telefone do restaurante exibia, como de costume, o letreirinho «Fora de serviço». Enquanto caminhava pela Las Heras em direcção à praça, perguntou a si próprio em voz alta o que teria a cidade nessa manhã, porque parecia mais bonita e mais alegre. A verdade é que alguns transeuntes o olhavam com insistência, de uma maneira incómoda para ele. Achou estranho que uma dentadura chamasse tanto a atenção e arguiu: «Ao fim e ao cabo, está dentro de uma boca fechada, ou pouco menos.» Seriam a sua dentadura e os olhares que provocava a causa da angústia que sentia no peito? Não, era talvez necessário procurá-la nos atractivos daquela rapariga, que talvez se tivesse oferecido, e na sua retirada, rápida como uma fuga. Com os anos, a sua timidez aumentara inexplicavelmente; era como se não acreditasse em si, e estava sempre a retirar-se, não fosse dar-se o caso. Ou esconder-se-ia a verdadeira razão da angústia na reforma por pagar, nas preocupações com o dinheiro, agora primordiais?

Após uma cordial saudação, na qual colocou uma afabilidade simples mas generosa, perguntou ao vendedor de jornais de Salguero e Las Heras:

– Onde é o velório de Don Manuel?

– Ainda não saiu da morgue – respondeu o homem, num tom que Vidal se atreveu a qualificar como neutro.

– O fim-de-semana – explicou, piscando um olho. – Apostaria que o médico forense aproveita o fim-de-semana e não quer que lhe falem de cadáveres.

De repente, intuiu que a sua loquacidade, ou quem sabe o quê na sua pessoa, incomodava o indivíduo. A simples presunção ofendeu-o. Não era o morto um vendedor de jornais, um colega deste jovem ingratamente rude? Mereceria a sofisticada deferência que ele manifestava, tanto mais valiosa por provir de alguém alheio à profissão, tal desdém? Opinou que não era necessário criar porcos para depois lhes dar caça. A fé na camaradagem essencial dos homens impeliu-o a dar-lhe outra oportunidade:

– Vão velá-lo na Gallo?

– Você o diz.

– Você vai? – insistiu.

– Por alma de quem?

– Eu... eu penso ir.

Talvez por uma rapariguinha ter pedido uma revista, o rapagão virou-lhe as costas. Vidal pensou que, para não se humilhar completamente, não lhe compraria o jornal. Já se estava a afastar quando ouviu uma frase que o desorientou:

– Não se queixem aqueles que provocam.

Ponderou a possibilidade de pedir explicações, mas lembrou-se das costas largas, dos músculos apertados pelo casaquinho cinzento, e admitiu que em algumas manhãs acordava com dores na cintura, como se o esqueleto estivesse travado e até achacado. A aceitação das suas próprias limitações é, ao fim e ao cabo, uma sabedoria triste.

Atravessou a praça na diagonal, não sem se deter diante do monumento, para ler a inscrição. Sabia-a de cor, mas lia-a quando passava por ali. Num pressentimento, disse para si mesmo que aquele país, na época das suas guerras, não devia ter sido pouco amigável.

Do telefone público do café, tentou, em vão, comunicar com os amigos. Em casa de Arévalo, não respondiam. A vizinha de Néstor, que, em geral, acedia a chamá-lo (se lhe perguntavam sem pressas pela saúde e pela família), cortou a comunicação, murmurando improperios. Sempre interessado na meteorologia, Vidal observou que, se era certo que a temperatura estava a subir, as pessoas continuavam destemperadas. Numa nova tentativa de comunicar com Jimi, utilizou a sua última moeda. Felicitou-se por a sua chamada não ter sido recebida pela criada, uma rapariga primária que quase não falava e quase não ouvia. A sobrinha, Eulalia, explicou-lhe:

– À tarde, vai visitá-lo a sua casa. Tentei dissuadi-lo, senhor, mas ele disse-me que iria.

Vidal ainda lhe agradecia a amabilidade quando Eulalia desligou. Dirigiu-se para a padaria. Ao enfrentar a passagem de El Lazo, as recordações do pesadelo da noite anterior entristeceram-no. Com alguma contrariedade, notou que a passagem tinha recuperado o seu aspecto habitual, que não sobravam rastros nem provas do acontecimento. Nem um guarda lá havia. Se não fosse o caixote de lixo, dir-se-ia que a morte do vendedor de jornais tinha sido uma

alucinação. Vidal bem sabia que a vida continua sempre, que nos deixa para trás, mas ainda assim perguntou a si próprio: «Porquê esta urgência?» No mesmo lugar em que, horas antes, um homem de trabalho caíra assassinado, um grupo de rapazinhos jogava futebol. Só ele notava a profanação? Também o ofendia a circunstância de esses mesmos menores, olhando para ele com uma cara que fingia ingenuidade e transmitia menosprezo, estarem a entoar o pequeno cântico:

*Vem chegando a Primavera
Que semeia flores na velhice.*

Vidal reflectiu que ultimamente tinha feito por merecer os seus galões naquele tipo de coragem, desde logo passiva ou negativa, que nos permite fazer ouvidos moucos aos escárnios.

Ao passar em frente a uma casa em demolição, viu um quarto desprovido de tecto mas ainda enquadrado em fragmentos de parede e conjecturou: «Deve ter sido uma sala.» Na padaria, esperava-o uma grande surpresa. Leandro Rey não ocupava o seu posto atrás da caixa registadora. Perguntou a uma das filhas do padeiro:

– Aconteceu alguma coisa a Don Leandro?

Esta cortesia não caiu bem. Numa voz demasiado alta, talvez para se exhibir, num tom um bocadinho seco, mexendo os lábios escuros, grossos e húmidos, como se preparasse um laço para um presente, a rapariga interpelou Vidal:

– Não vê que há gente na fila? Se não vai comprar nada, faça o favor de se retirar.

Emudecido pelo injusto mau trato, não encontrou resposta adequada. Para salvar a dignidade, não lhe restava outro recurso senão o de dar meia-volta e sair. Com incrível sangue-frio, sem mexer um músculo, esperou até recuperar o uso da palavra; então, no meio da expectativa geral, articulou a enumeração:

– Seis *felipes*, quatro meias-luas e uma *tortita guaranga*⁵.

5 Trocadielho; «guaranga» significa «atrevida», «grosseira». [N. T.]

Gargalhadas contidas festejaram aquela *tortita guaranga* como se fosse uma resposta carregada de segundas intenções. Não houve tal coisa. As próprias filhas de Don Leandro admitiriam depois que Vidal se limitou a repetir o seu pedido habitual. Porque não se afastou dignamente? Porque gostava do pão da padaria de Leandro. Porque as outras padarias não ficavam perto. Porque não sabia que explicação dar ao amigo se este, no dia seguinte, lhe perguntasse por que razão não comprava na sua casa. Porque, ultimamente, se afeiçoara à fidelidade: era fiel aos amigos, aos lugares, a cada um dos seus fornecedores e ao seu local de venda, aos horários, aos costumes.

As pessoas afirmam que muitas explicações convencem menos do que uma só, mas a verdade é que há mais de uma razão para quase tudo. Dir-se-ia que se encontram sempre vantagens para prescindir da verdade.

Um certo dia, de forma inesperada, os jovens de Buenos Aires decidem que quem tem mais de cinquenta anos é inútil à sociedade. Inicia-se uma misteriosa e terrível «guerra aos porcos», na qual, durante uma semana, os jovens da cidade fazem uma caça aos «velhos» com o intuito de os eliminar. Isidoro Vidal e o seu grupo de amigos já reformados são apanhados desprevenidos no meio da violenta revolução geracional. A guerra obriga-os a alterar hábitos e a improvisar uma defesa desesperada. Têm de aprender a deslocar-se pela cidade em horas improváveis e esconder-se dos seus próprios filhos, agora seus inimigos. No entanto, no meio do terrível conflito, como num moderno *Romeu e Julieta*, floresce o amor secreto entre o velho Vidal e a jovem Nélide...

Publicado em 1969, durante a ditadura argentina, e posteriormente adaptado ao cinema, *O Diário da Guerra aos Porcos* é um dos romances essenciais da bibliografia de Bioy Casares e da literatura sul-americana — uma alegoria irónica, visionária e cruel sobre a passagem do tempo, o medo da morte e a fragmentação do mundo, na qual paira a atmosfera do sonho e do fantástico.

«Uma ficção perfeita sobre o envelhecimento e a proximidade da morte.»

Ana Cristina Leonardo, *Expresso – Actual*



«Uma obra maior (...) Um *travelling* sobre as lacunas eternas do medo. Que [Casares] o faça deixando-nos com um sorriso nos lábios é apenas uma das marcas da sua mestria.»

João Bonifácio, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)
 [penguinlivros](#)

ISBN 9789897872099



9 789897 872099 >